

Alberto Vieira *

O vinho Madeira. Valorização e importância económica e social através dos testemunhos da literatura e arte

O conhecimento da importância que assume um produto para uma determinada sociedade e mercado não resulta apenas da informação dos registos de saída ou de entrada. Estes apenas nos revelam o volume das exportações, mas pouco ou nada nos elucidam sobre a dimensão assumida na sociedade de destino. Para que isso aconteça é necessário o recurso a outro tipo de fontes que sejam o retrato do quotidiano. Neste sentido, a informação jornalística, nos seus múltiplos retratos da sociedade e economia, bem como os tratados de culinária e medicina, podem ser fonte preciosa na recriação destas realidades e na definição da sua importância.

O Vinho é um tema que atrai a atenção de todos, cativando, de forma especial, também poetas e literatos. O vinho Madeira é, como muitos dos licorosos, um caso singular na História e Literatura. Os epítetos proferidos por poetas, escritores, políticos e viajantes, que tiveram a possibilidade de o provar e apreciar são também um caminho para a descoberta da importância social e económica que o mesmo assumiu.

As referências literárias e artísticas ao vinho Madeira estão circunscritas aos principais espaços consumidores, em que se destacam os Estados Unidos da América e o Reino Unido. A sua referência tanto surge em textos, em prosa e verso, que descrevem épocas determinadas, ou através do testemunho de viajantes e de guias, que desde o século XIX, que divulgam as potencialidades turísticas da ilha. Estes últimos textos permitem criar junto do público leitor um grande interesse pelo vinho.

Uma breve digressão pela literatura portuguesa e das principais regiões de destino do vinho Madeira revela que o mesmo mereceu cuidado destaque por parte de poetas e prosadores. De todas a referência mais frequente e valorativa acontece na obra de Shakespeare, o que demonstra a importância que este vinho

assumiu no quotidiano britânico, quer no meio da aristocracia, quer na agitada vida dos «pubs» londrinos.

Não raras vezes o vinho Madeira aparece referenciado na *Sétima Arte*, nomeadamente nos filmes de época norte-americanos. Todavia, a sua apresentação como motivo artístico por parte de pintores nacionais ou estrangeiros não foi muito comum, a atentar nos testemunhos que hoje dispomos.

Na Literatura Madeirense as referências ao Vinho Madeira não são extensas, deixando para a literatura popular a mais alargada visão desta realidade. Na verdade, o vinho Madeira foi durante muito tempo uma realidade que apenas tocou aos estrangeiros seus apreciadores e ao homem rural madeirense que dependia dele para assegurar a sua subsistência. A gente letrada urbana esteve certamente, durante muito tempo, alheia a esta realidade, preferindo as bebidas impostas pelos britânicos. Idêntica situação sucede também ao nível nacional onde a rara referência é-nos dada por Nicolau Tolentino e por um ou outro de passagem pelo Funchal. Será isto prova de que o vinho Madeira não tinha igual solicitação e consumo no mercado nacional?

1. O VINHO E A LITERATURA

Na História da Madeira o vinho é uma constante do presente e do passado. Factor económico responsável por alguns momentos de fulgor, mas também motivo de discórdia e violência. Amado e odiado, ele persiste através dos simples gestos rituais dos seus apreciadores.

O vinho Madeira é considerado, desde tempos muito recuados, indispensável na garrafeira dos apreciadores do fino rubinéctar que medrava em alguns recantos do Ocidente. Não é preciso ser escanção para apreciar as suas qualidades aromáticas e gustativas basta apenas um pouco de atenção no momento de o degustar. Os epítetos, recolhidos na voz dos poetas, escritores, políticos e viajantes, que tiveram a possibilidade de o provar e apreciar, poderão ser um bom caminho para isso. Todos ficaram deslumbrados com aroma e trago, e ninguém se escusou de tecer os maiores elogios.

1.1. O vinho da Madeira na voz dos seus apreciadores e literatos

A referência elogiosa mais antiga ao vinho Madeira não surge em Shakespeare, mas sim nos literatos da bacia mediterrânica já familiarizados com a bebida, o que torna mais evidente a valorização. Alvise de Ca da Mosto, nome sugestivo em questão de vinhos, foi o primeiro a fazê-lo nas suas *Navegações*,

escritas em 1455 e que depois correram mundo em várias edições impressas. Este veneziano, habituado aos vinhos nobres do Mediterrâneo, não hesita em afirmar que os da ilha eram «bons» e para que não restassem dúvidas reforça a ideia apontando-os como «*muitíssimo bons*». Oitenta anos passados outro italiano, Giulio Landi, celebra, de novo, o rubinectar madeirenses, comparando-o «*ao grego de Roma*». Quanto à malvasia refere que da colheita se extrai melhor vinho que o tão celebrado de Cândida. Em 1567, outro italiano, Pompeo Ardit, retêm a mesma observação comparativa.

Foi a partir destes testemunhos que toda a Europa soube que os vinhos da ilha poderiam rivalizar com os demais, e assegurar um espaço nobre na mesa real. O Madeira, brinde em momentos de alegria e de grande solenidade foi, também, companheiro em momentos de aflição. O Madeira da conquista dos salões e palácios da vetusta cidade de Londres sulcou os oceanos e firmou-se, mais uma vez, nas imponentes vivendas das colónias britânicas, disseminadas a Ocidente e Oriente.

Em finais do século XVI o pároco da Ribeira Grande, Gaspar Frutuoso, que certamente não dispensava o uso do vinho Madeira nos actos litúrgicos (vimos com assiduidade recomendações no sentido de que este vinho fosse usado na missa), apresenta um dos ditirambos mais elogiosos: «*o vinho malvasia é o melhor que se acha no Universo*». O autor é taxativo na sua observação, não deixando margem para dúvidas.

Em 1795 o Dr. Wright exclamava: «*Se Homero o tivesse bebido, afirmaria que o Olimpo renascia apesar de os deuses estarem já fora de moda*». O mesmo recomenda o uso pelos seus pacientes idosos, pois é «*uma das bebidas mais úteis e eficazes para as pessoas de idade a quem as funções físicas começavam a falhar*». Daí o epíteto de «*leite dos velhos*». Diz-se até que a longevidade do Conde de Canavial terá resultado do Madeira que bebia todos os dias em jejum.

Os mercadores madeirenses ligados ao comércio do vinho, em representação de 29 de Setembro de 1801, definiam o vinho Madeira como o resultado da combinação perfeita das condições mesológicas com as castas e nunca resultado de quaisquer artimanhas laboratoriais ou do mais sofisticado processo de vinificação. Esta observação e tanto mais actual, quando hoje se fala já em vinho biológico:

«*A superioridade que distingue de todos os outros, o vinho da Madeira é o resultado de uma feliz combinação de circunstancias favoráveis, as quais, por dependerem do local, sempre foram e continuarão a ser privativas desta ilha. O clima, a configuração da terra, e a natureza do torrão, não dependem de contingências, nem admitem imitação pela industria humana, e essas vantagens, ajudadas de uma muito particular agricultura, e de muito custo, e de um trato simples, mas laborioso, conspiram produzir o vinho da Madeira, licor singu-*

lar e inimitável, que, nem o tempo, nem o ar, nem o gelo do pólo, nem a fervura do trópico, podem prejudicar, antes sendo a sua essência simples e imutável, as provas as mais rigorosas, e o lapso de longos anos, só servem a demonstrarem, a semelhança da verdade e sua nativa pureza».

As qualidades profiláticas do vinho Madeira foram mais tarde reforçadas pelo Dr. Vicente Henriques Gouveia¹ que destacou a acção bacteriológica sobre o bacilo do Erbert, enquanto Samuel Maio recomendava o uso na cura da gota. Perante as inestimáveis e inimitáveis qualidades organolépticas e profiláticas Wama Allen conclui que estamos perante um vinho «imortal» que, por isso mesmo, não deve ser ignorado.

Em Portugal e na ilha são poucos os elogios ao vinho Madeira. Até parece que os literatos e poetas o ignoraram, talvez porque nunca tiveram o atrevimento de o provar. Todavia, dispomos de três testemunhos, raros, é certo, mas que corroboram até à saciedade aquilo que haviam escrito os estrangeiros.

As mais antigas referências elogiosas surge na poesia. Nicolau Tolentino de Almeida (1741-1811)² faz uma breve referência ao vinho Madeira, a que se junta Mário de Sá-Carneiro (1890-1916) em o poema a «Caranguejola»³ e Guilherme Avelino Chave de Azevedo (1839-1882) num soneto refere um cálix de Madeira⁴. Gomes Leal considera a Madeira como «A pátria excelsa e célebre do vinho». Entretanto Gomes Leal fazia depender a inspiração poética da disponibilidade do Madeira: «Se não tenho feito versos/ É que acabou o Madeira». A todos estes juntam, ainda alguns, Camões que na sua «ilha dos Amores», identificada com a Madeira, fala dos «vinhos odoríferos», que bem podem ser o afamado malvasias da ilha⁵.

Foi na ilha que o vinho surgiu com maior destaque. Francisco Álvares de Nóbrega [1772-1806]⁶ dedica-lhe um soneto sob o título «à ilha da Madeira», em que dá conta da vinha como uma esperança, ideia que já Francisco Paula de Medina e Vasconcelos augurava em 1806⁷. O remate acontece com o poeta popular Manuel Gonçalves [1858-1927]⁸ que soube captar através das suas quadras as vivências e aspirações populares entorno da cultura e do produto.

¹ *Acção Bactericida do Vinho Madeira, (Verdelho) sobre o bacilo de Erberth (Estudo Experimental)*. Funchal, 1938.

² Diz o poeta: *Das escumas da Madeira/vejo nascer a alegria;/com as asas afugenta/a minha melancolia//O tal Horácio enganou-se/não conheceu a parreira;/não se chamava Falerno;/se era bom era Madeira.*

³ *Últimos Poemas*. Paris: Novembro, 1915.

⁴ *A Alma Nova*. 1874.

⁵ *Os Lusíadas*, canto X, estância 4.

⁶ *Vida e Obra de Francisco Álvares de Nóbrega*. Funchal, 1958.

⁷ *Zargueida*. Lisboa, 1806, canto IX, estrofes XXIII e XXIV.

⁸ *Versos de Manuel Gonçalves (Feiticeiro do Norte)*. Funchal, 1956.

Em 1891 um forasteiro continental, caso raro nesta situação, J. A. Martins⁹ declarava que *«as mulheres como os vinhos sabem enlevar o espírito fazendo palpitar os corações»*, para depois concluir que *«o vinho não é uma simples combinação química; é um problema de gosto, é um alimento e um agente terapêutico de primeira ordem»*.

Para os madeirenses a sua exaltação assentava na presença nas mesas nobres e, por isso, é o embaixador capitoso da ilha. Eduardo Nunes¹⁰ recorda que ele *«correu mundo – singrou por todos os mares e rompeu todas as fronteiras»*, por isso *«é oferecido a reis e a príncipes regentes, a chefes de estado e a ministros, a senhores feudais e a burguesia opulenta»*.

O mais nobre elogio que alguém ousou ditar ao vinho Madeira é da pena do Pe. Eduardo Pereira¹¹, natural de C. de Lobos, uma das áreas de produção de vinho. A sua referência às múltiplas qualidades do vinho Madeira é feita em tom epopeico: *«Perfuma e alegra o solo um vinho histórico, produto de castas primitivas, sangue de raça a perpetuar na ilha o nome de Portugal. Foi este vinho companheiro dos colonos na rota da descoberta; postou-se de guarda à porta de suas casa, de braços abertos, numa remada acolhedora a parentes, amigos e vizinhos; dá-lhe vida no trabalho; vibra-lhe na alma em festas de família e todos os anos se renova no barril ou quartola para o aquecer no Inverno, estugar-lhe o passo nas romarias do Verão, firmar promessas, selar contratos, fechar negócios e ser providência econômica no seu lar»*.

A mais completa expressão da vivência e quotidiano madeirense em torno do vinho da ilha encontra-se em Horácio Bento de Gouveia, quer nos seus romances, quer nos ensaios e artigos de jornal¹². O quadro completa-se com a mais recente referência por via de um conto de Maria Aurora que leva o título significativo de *«um cheiro a Malvasia»*¹³.

A poesia madeirense contemporânea parece ignorar a vinha e o vinho, uma vez que a referência mais destacada surge em Dalila Teles Veras¹⁴, uma madeirense que desde o Brasil fez um canto em que releva a azáfama da vindima.

É na poesia popular que a imaginação do poeta anónimo melhor se expressa quanto ao vinho¹⁵. Aqui, o fulcro das atenções era o vinho americano, que se

⁹ Madeira, Cabo Verde e Guiné. Lisboa, 1951, pp. 39-41.

¹⁰ Porque me orgulho de ser madeirense. Lisboa, 1951, pp. 27-29.

¹¹ Ilhas de Zargo. Funchal, 1967, vol. I, pp. 558-559.

¹² Veja-se Canhenhos da Ilha. Funchal, [s.d.]; A Canga. Funchal, 1975.

¹³ O conto foi vencedor do Prémio Contos organizado pelo Instituto do Vinho da Madeira por ocasião do décimo aniversário. Foi publicado no *Diário de Notícias* a 21 de Janeiro de 1990.

¹⁴ Madeira do Vinho à Saudade. Funchal, 1989.

¹⁵ Pestana, E. A. – Ilha da Madeira. I. Folclore Madeirense. Funchal, 1965, Santos, Carlos M. – Trovas e Bailados da Ilha. Estudo do Folclore Musical da Madeira. Funchal, 1942, Tavares, José – Subsídios para o Estudo da Vinha e do Vinho na Região da Madeira. Funchal, 1953.

tornou, desde o século XIX, na bebida comum do lavrador madeirense. O outro, o vinho de castas europeias não tinha assento na mesa madeirense, sendo levado para longínquas paragens. Por tudo isto as referências ao primeiro testemunham a sua predilecção, enquanto o segundo é algo estranho.

o vinho americano
é um vinho afamado
quem não bebe deste vinho
anda sempre adoentado

Em tempos houve verdelho
parreiras de terrantez,
moscatel, alicante
e cachos de malvasia

Contando a bela pinga
desta nossa terra inteira
em todo o mundo não há
vinho como o da Madeira

Por aqui se constata duas opções sobre o vinho Madeira, consoante o que a emite seja ou não madeirenses. O ilhéu exalta o vinho através do lote de consumidores, recrutados entre as personalidades mais ilustres. Para ele, não é uma bebida de consumo, mas um meio da subsistência e riqueza, daí o seu elogio. Os forasteiros ou não, bebedores usuais, emitem uma opinião de causa e efeito, resultante da sensação gustativa e olfactiva. É isso, segundo estes destacados apreciadores, que distingue o vinho Madeira em relação aos demais.

1.2. O vinho Madeira na literatura europeia e norte-americana

As referências ao vinho da Madeira encontram-se um pouco por todo o lado na literatura das regiões consumidoras, seja na Europa, na América ou Ásia. Por tradição é no seio da literatura de expressão inglesa, britânica ou norte-americana, que encontrámos mais assíduas e destacadas referências.

Na Europa, excepção feita ao Reino Unido, é na Rússia e na França que estas referências surge com maior frequência, dando conta que o vinho estava presente nos ambientes mais requintados da sociedade. No caso russo F. Dostoevsky (1821-1881)¹⁶ ou Leon Tolstói (1828-1910) são exemplo disso. Mais abundantes são as incidências da literatura francesa do século XIX, podendo-se associar os escritores famosos como Balzac¹⁷, Anatole France, Jules Verne¹⁸,

¹⁶ Em «Crime e Castigo» (1917) lamenta-se a pouca variedade de vinhos e a falta imperdoável do «Madeira».

¹⁷ *Scènes de la vie de campagne. Les paysans*. Paris, 1853-55; *Etudes philosophiques*. T. 1, *La peau de chagrin*. Paris; *La muse du département*. Paris: Garnier, 1970; *[La] peau de chagrin*. Paris: Garnier, 1967.

¹⁸ Vernes, Jules – *[Les] enfants du Capitaine Grant*. Paris: Hachette, 1930.

Sade¹⁹, Alexandre Dumas²⁰, Guy Maupassant²¹, G. Flaubert²², F. Chateaubriand²³.

Segundo Anatole France [1844-1924], em «Le Petit Pierre», o vinho Madeira acompanha bolos secos e apenas «*un doigt de vin de Madere anima les regards, fit sourire les levres*». Já para Alfred Musset o Madeira caía bem com uma asa de perdiz²⁴. Mas Proudhon queixa-se que este vinho e outros europeus não está acessível a todo o povo²⁵.

Ao contrário do que sucede hoje, em que o Madeira é conhecido apenas na culinária, a literatura do século XIX e princípios do século XX revela-nos um vinho distinto que tinha lugar à mesa, sendo apreciado pelas classes altas e cobiçado pelos pobres.

No mundo de expressão em língua inglesa o vinho Madeira assumiu desde o século XV um papel destacado à mesa e nas tabernas, primeiro na Inglaterra e depois em todo o mundo colonial britânico, desde o Atlântico ao Indico. A documentação histórica é reveladora desta posição dominante do mercado inglês. Para o quotidiano londrino a obra de Shakespear, nas diversas incidências valorativas do vinho madeirense, eram já o indício seguro de que o vinho madeirense era uma constante no quotidiano.

A vida política inglesa no século XV foi pautada por várias disputas pela posse do ceptro real, em que se envolveram os Lencastre, Yorks, Tudors e Angevins. Foi esta ambiência sanguinolenta que fascinou a pena do dramaturgo, Shakespeare, que nos legou nas suas peças uma visão impressionista dessa época. É neste contexto de violência que surgem as primeiras referências ao vinho da Madeira, para muitos a única alegria do quotidiano. Mas o vinho também se envolveu, através dos apreciadores, na conturbada conjuntura política: em 1478 Eduardo IV, rei de Inglaterra, ordenou a execução de Jorge Plantageneta, Duque de Clarence, irmão do futuro rei Ricardo III (1483-85) por atentar contra a sua soberania; de acordo com a lenda este preferiu morrer afogado numa pipa de malvasia. Um século mais tarde Shakespeare ao dramatizar a vida de Ricardo III, irmão do malogrado duque, retoma o acontecimento, retratando no cenário da Torre de Londres. A par disso o mesmo dramaturgo coloca noutra peça – «Henrique IV» – o herói desta e demais peças suas, John Falstaff, a render a sua alma «*por um copo de Madeira e uma perna fria de capão*».

¹⁹ *Justine, ou Les malheurs de la vertu*. Paris.

²⁰ *Vingt ans après*. Paris.

²¹ *Bel-Ami*. Paris; *La parure et autres contes parisiens*. Paris.

²² *Correspondance*. nouvelle éd. augmentée. 8e série, 1877-1880.

²³ *Mémoires d'Outre-tombe*. Paris.

²⁴ Titre *Lettres de Dupuy et Cotonet/Alfred de Musset*. In *Revue des deux mondes*, 1836.

²⁵ Proudhon, Pierre-Joseph – *Système des contradictions économiques ou philosophie de la misère*. Paris: Librairie internationale, 1872.

A partir desta referência avulsa e da importância que o vinho Madeira assumiu, desde o século XV, no mercado britânico a tradição passou a associar o primeiro facto ao nosso vinho. Por outro lado surgia nas Canárias outra opinião defensora da origem canária do malvasia que afogou o duque de Clarence. Esta tradição parte da referência anacrónica lavrada na obra de Shakespeare ao vinho, nomeadamente nas peças «As Alegres comadres de Windsor» e «Henrique IV»; note-se que ambas relatam acontecimentos datados de épocas anteriores à afirmação da hegemonia castelhana em Canárias. O arquipélago das Canárias, não obstante se ter iniciado a conquista em 1402, só em finais do século ficou assegurada a posse pela coroa de Castela e apenas neste momento se iniciou o seu aproveitamento económico, com socas de cana e videiras para aí conduzidas da Madeira. A situação anacrónica da presença do vinho de Canárias em situações anteriores ao início do cultivo, resulta do facto de Shakespeare ter misturado na sua obra ambiências da sua época (viveu entre 1564-1616) com situações anteriores.

Faltava-nos idêntica informação para o mundo colonial e de forma especial a América do Norte. Aqui o vinho Madeira aportou em meados do século XVII e rapidamente conquistou o exigente paladar dos colonialistas. Na segunda metade do século XVIII o movimento de independência da colónia veio revelar o interesse e valor do vinho, que permaneceu até hoje pelo brinde à celebração da independência como pelo interesse e apreciação de muitos dos presidentes. Para os norte-americanos a Madeira foi sempre definida como a ilha do vinho tão apreciado e, por isso, a própria documentação oficial identifica-a como «Wine Island».

Para além desta evidência histórica era necessário aprofundar a realidade e definir o papel do vinho no quotidiano. Será que os poetas e romancistas foram cativados por esta ambiência? Será possível encontrar nos retratos do quotidiano a mesma valorização do vinho Madeira? Daí a razão da nossa incursão pela literatura inglesa no sentido de encontrar o rasto do vinho Madeira.

De uma forma genérica o vinho Madeira é conhecido de todos os letrados que fazem fé no dom da pena, sejam poetas, romancistas ou ensaístas. Também podemos afirmar que encontramos, entre meados do século XVII e princípios do século XX, fervorosos adeptos e consumidores do néctar madeirense. A constância e valorização do Vinho Madeira na literatura é mais uma evidencia de que era um dado adquirido na sociedade e economia norte americana.

O Vinho Madeira chegou a este mercado a partir de meados do século XVII e cedo se impôs o consumo nos meios aristocráticos. No século seguinte, o processo de independência e o interesse manifesto de muitos dos presidentes, fizeram com que o Vinho Madeira se transformasse numa realidade indelével da sociedade e política americana.

Um dado evidente desta fugaz análise do vinho na escrita inglesa é a revelação de que o Madeira não se resumia apenas a deliciar as papilas gustativas

dos apreciadores, pois também surge com muita frequência em livros de culinária, como em tratados de medicina. É, aliás, na voz dos romancistas e poetas que se encontram as maiores e mais elogiosas referências ao vinho Madeira. O Madeira não era um vinho comum ou para todos os momentos, pois segundo Gabriel Furman²⁶ era apenas usado em ocasiões especiais, como o nascimento de uma criança, um casamento ou funeral. Aliás, segundo Nathaniel Parker Willis [1806-1867] em «Dashes at Life» (1845) era conhecido como «vinho de casamento». O Madeira acabava por assumir um lugar especial até mesmo junto dos abstémios. Assim sucedia com Philip Hone²⁷ que nunca bebeu qualquer outra bebida espirituosa na vida a não ser um ou dois cálices diários de vinho Madeira.

Alguns dos textos e autores, porque clássicos, são-nos familiares mas raramente dedicamos a nossa atenção a este particular. Todos nos recordamos e fazem parte das nossas leituras os livros de Alexander Pope (1688-1744)²⁸, Jane Austen (1775-1817)²⁹, Charles Dickens (1812-1870)³⁰. Herman Melville (1809-1849)³¹, Walter Scott (1771-1832)³², Edgar Allan Poe (1809-1849)³³, mas quem terá notado o interesse que lhes despertou o Vinho Madeira, que é aqui uma assídua referência. Richard Penn Smith (1799-1854) em «the Forsaken: A tale» (1831) refere muitas pipas de bom vinho velho da Madeira, enquanto Robert Smith Surtees (1805-1864) em «Handley Cross» (1854) bastava uma garrafa de malvasia da Madeira.

James Fenimore Cooper (1789-1851)³⁴ em «Afloat and Ashore» (1844) refere o «*East India Madeira*». Este vinho era conhecido na ilha como vinho de roda e era conhecido pela designação inglesa devido ao facto de fazer a viagem desde o Funchal às Índias Orientais e o retorno a Londres. A dupla passagem pelos trópicos atribuía-lhe um envelhecimento prematuro que era do agrado dos ingleses. Já em «The Ways of the Hour» (1850) o vinho Madeira, certamente o «seco», era bebido frio ou com pedra de gelo. Existe uma tradição britânica de beber o sercial frio, que não deve ser alheia a este facto.

²⁶ *Antiquities of Long Island*. N. York, 1874, p. 160.

²⁷ Hone, Philip – *The Diary of Philip Hone 1828-1851*. N. York, 1889, vol. I.

²⁸ *The Works of Alexander Pope*. Philadelphia, 1864, p. 490.

²⁹ *Emma* (1816), *Mansfield Park* (1814).

³⁰ O vinho da Madeira surge em: *Bleak House* (1853), *Dombey and Son* (1848), *The Life and Adventures* (1844), *Little Dorrit* (1857), *Our Mutual Friend* (1865), *The Posthumous Papers* (1837).

³¹ Em: *White-Jacket* (1850).

³² Em: *The Antiquary* (1815).

³³ Em: *The Narrative of Arthur Gordon Pym of Nantucket* (1838).

³⁴ As referências ao vinho Madeira surgem ainda em: *The Chainbearer* (1845), *The Deerslayer* (1841), *Homeward Bound* (1838), *Lionel Lincoln* (1824), *The Pioneers* (1823), *Precaution* (1820), *The Redskins* (1846), *Satanstoe* (1845), *The Spy* (1821) *The Ways of the Hour* (1850), *Elinor Wyllys* (1846).

Da próxima vez que ler «Black House» (1853) de Charles Dickens não se esqueça que é agradável beber o Vinho Madeira com pão doce e pudim.

Referência especial merece John dos Passos (1896-1970), descendente de madeirenses e um destacado romancista norte-americano ainda hoje muito popular, que não esqueceu os seus ancestrais e o vinho que lhes deu fama. Na sua obra o vinho é uma presença constante.

Na poesia os versos constroem-se com o aroma, cor e sabor do vinho Madeira. Também aqui as referências são assíduas e inúmeras. Para não tornar esta referência maçadora apresentamos apenas o poeta William Wordsworths (1770-1850)³⁵, Philip James Bailey (1816-1902)³⁶, Percy Bysshe Shelley (1792-1822). A estes junta-se o escritor, filósofo e naturalista norte-americano Henry David Thoreau (1817-1862), um dos mais conhecidos ecologistas norte-americanos, nos seus versos também não ignora o rubinéctar madeirense³⁷. Silas Weir Mitchell dedicou-lhe mesmo dois poemas: «A decanter of Madeira», «An old man to an old Madeira»³⁸.

Na dramaturgia dos séculos XVIII e XIX, a exemplo do que havia sucedido com Shakespeare, o vinho Madeira é um dos adereços e referências permanentes nas inúmeras peças de teatro. Em 1808 Charles Brockden Brown [1782-1822] na comédia «The Fox Chase» (1808) a paixão de um personagem pelo vinho Madeira era tanta que tomou 20 cálices de Madeira. Aqui o vinho Madeira aparece próximo do *Champagne* ou do *Burgundy*, sempre com epítetos valorativos da sua apreciação. A ele junta-se quase sempre o adjectivo bom, excelente ou raridade. Mathews Cornelius [1817-1889] em «False Pretences» refere uma garrafa de Madeira de 1811 (1858). Já John O'Keefe [1747-1833]³⁹ em «Wild Oats» (1792) prefere-o decantado. Por fim Benjamin Thompson [1760?-1816] em «The Indian Exiles» (1801) refere que o médico prescreveu uma garrafa de Madeira, passando a seu inveterado apreciador.

Algumas das publicações periódicas de prestígio, do século XIX e princípios do século XX, insistem na referência frequente ao vinho Madeira o que demonstra mais uma vez que era um dado referencial do quotidiano que não podia ser ignorado⁴⁰.

³⁵ *Complete Poetical Works* (1888).

³⁶ *Em Festus* (1877).

³⁷ *Collected Poems* (1964).

³⁸ Publ. por Stedman, Edmund Clarence, ed. – *An American Anthology, 1787-1900*, 1900.

³⁹ Mais referências em: *The Dead Alive* (1783), *The Son-in-law* (1783), *The World in a village* (1793).

⁴⁰ *Magazine of Domestic Economy* (1927-39), *The New England Magazine* (1892), *Putman's Montly Magazine* (1854), *The Bay State Montly* (1885), *Harpers New Montly Magazine* (1852, 1854, 1878), *New England Angale Review* (1860), *The Century Popular Quartely* (1885), *The Living Age* (1857), *The Atlantic Montly* (1884, 1872), *Harpers New Magazine* (1856), *The New England Magazine* (1900), *The North American Review* (1824).

O panorama de referências alarga-se a todo o tipo de publicações, que vai desde os tratados de culinária⁴¹ aos manuais de bons costumes e etiqueta⁴², como aos tratados de medicina⁴³. Neste último caso dando razão a uma tradição de defesa das capacidades profiláticas do vinho.

2. O VINHO E A ARTE

Os séculos XVIII e XIX são momentos de evidente aposta na valorização da arquitectura e arte madeirenses. Apagados os momentos difíceis que sucederam à euforia açucareira dos séculos XV e XVI, de novo a ilha está envolta num momento de fulgor económico, desta feita criado pelo vinho. A grande aposta na cultura da vinha e a valorização do vinho no mercado consumidor colonial conduziram inevitavelmente a uma desusada riqueza que foi usada em benefício próprio por todos os intervenientes. Os grandes proprietários aformosearam as casas de residência. Os mercadores, nomeadamente os ingleses, transformaram as vivendas sobradadas de cidade em lojas e escritórios de convívio, e as casas solarengas e quintas adaptaram-nas ao seu gosto e exigências de conforto.

Os artefactos ingleses invadiram o mercado madeirense e atribuíram meios mais adequados para a afirmação do conforto diário. A isso junta-se o gosto pelo clássico. A tosca e utilitária mobília, muitas vezes feita de madeira que do Brasil transportava o açúcar para a ilha, deu lugar ao mobiliário estilizado. A chamada mobília Chippendale e Hepplewhite – sofás e cadeiras – concedeu o toque de classe e compõe o ambiente para os saraus dançantes ou o célebre chá das cinco. Os museus da Quinta das Cruzes e Frederico de Freitas são hoje os depositários de alguns dos exemplares mais significativos que resistiram ao uso secular.

O espaço interior é valorizado. A casa tornou-se no principal centro de convívio. Daqui resultou que os espaços interiores se transformaram. Surgiram as amplas salas ou salões de música, palcos de inúmeras festas e saraus dançantes. Isabella de França em meados do século XIX descreve-nos um dos bailes em que participou na casa do cônsul inglês. É um entre muitos os testemunhos do luxo e exuberância da sociedade oitocentista, gerados pela riqueza do vinho.

⁴¹ Harrison, Grace Clergue – *Allied Cookery*, 1916.

⁴² *A Manual of Politeness* (1837), Johnson, Sophie Orne – *A Manual of Etiquette*, 1873, Bloomfield-Moore, Clara S. J. – *Sensible Etiquette*, 1878, Alcott, William A. – *The Young Housekeeper*, 1846.

⁴³ Parrish, Edward – *A Treatise on Pharmacy*. Philadelphia, 1865, p. 819; Beasley, H. – *The Druggist General Receipt Book*. Philadelphia, 1857, p. 193; Pulte, Joseph H. – *Homeopathic domestic Physician*. N. York, 1856, p. 52.

O espectáculo é mais evidente no cerimonial de recepção que no baile propriamente dito. Assim temos as fileiras de carros de bois e palanquins que transportam as senhoras vergadas pelos sumptuosos vestidos. As tais «saías de balão» que deram título ao romance de Ricardo Jardim que tem como pano de fundo outro ambiente do quotidiano da época.

Os tectos das amplas salas para os saraus dançantes ou para recepção aos convivas são cobertos de estuque profusamente trabalhados e muitas vezes pintados. Em muitos dos edifícios da época são evidentes a moda trazida pelos ingleses para a ilha. As decorações alusivas às da Grécia e Pompeia, criadas por Roberto e James Adam, são a principal evidência disso e tiveram na casa de capitão Eusébio Gerardo de Freitas Barreto, hoje sede da Marconi na ilha a mais perfeita expressão nos tectos do salão de música.

A História de muitos dos prédios que se anicham nas ruas vizinhas do cabrestante e da alfândega são o alvo preferencial dos mercadores estrangeiros que chegavam ao Funchal, no decurso do século XVIII, atraídos pelo comércio do vinho. Muitas das pequenas casas térreas foram demolidas para dar lugar às sobradadas servidas de amplas caves para as pipas, sobrados de habitação e escritórios. Uma imponente fachada ornada de cantarias e ferragens, uma torre avista-navios davam o tom característico da arquitectura do vinho na ilha.

Ao percorrer as Ruas da Carreira, Netos, Pretas, Mouraria, Mercês, Nova de S. Pedro, Conceição, Aranhas, Ferreiros, João Gago o transeunte depara-se com estes prédios de fachadas rendilhadas em cantaria negra, rasgados por inúmeras janelas servidas de varandas em ferro forjado. Aos que têm franqueadas as portas é possível redescobrir os tectos de estuque pintado.

Dos diversos imóveis que a riqueza do vinho propiciou merecem a nossa atenção: O Palácio de S. Pedro, hoje Museu Municipal, mas que se ergueu para residência do Conde de Carvalhal; os paços do Concelho do Funchal, conhecido também como Palácio Torre Bela. A muitos destes imponentes palácios junta-se um elemento arquitectónico típico da ilha, isto é, a torre avista-navios. Evidente em muitos dos edifícios da época que persistem na malha urbana da cidade. A torre avista-navios preenche para a época uma dupla função. Como mirante lançado sobre a baía permite saber-se da chegada e partida dos navios, daí o nome. Todavia e também um local de convívio diário na casa. É o homónimo da casa de prazeres das quintas madeirenses.

Se na cidade as casas térreas dão lugar aos imponentes palácios, casas de habitação, escritórios e lojas de comércio, os arredores ganham outra animação com a proliferação das Quintas. As quintas são uma criação madeirense, sendo a expressão volumétrica da importância de algumas das famílias madeirenses, onde o lazer se conjuga com o sector produtivo. A quinta não se resume apenas ao espaço agrícola e à casa de habitação, pois a ela está indissociavelmente

ligado um jardim e mata. Foi com os ingleses que elas ganharam nova forma e animação que persistiram até aos nossos dias. Assim, perderam o carácter rústico e transformaram-se em espaços aprazíveis servidos de amplas ruas e jardins de inspiração oriental.

Ligado a isto está o aparecimento da «casa de Prazeres», isto é, um pequeno pavilhão no canto do jardim que serve para ver a «vista», sendo espaço de convívio das senhoras nas tardes solarengas. Ainda hoje é evidente a presença em inúmeras quintas e casas. A Casa da Calçada, hoje Museu Frederico de Freitas, ostenta ainda a Casa de Prazeres. A «Casa de Prazeres» é mais uma aportação inglesa indo buscar as origens à «house of pleasure», isto é, os sumptuosos pavilhões orientais que na Madeira se adapta a esta especial condição de mirante, em locais onde não havia a torre avista-navios.

Muitas das quintas madeirenses mudaram de mãos no decurso do século XVIII. Os ingleses, enriquecidos com o comércio do vinho, fizeram investimentos fundiários na ilha, com especial destaque para as quintas e serrados de vinhas. Alguns adquiriram as habitações já existentes e transformam-nas em amplas quintas ajardinadas à moda da época. Outros, do espaço arável ou de pascigo fizeram erguer imponentes casas. Estão neste último caso a Quinta do Vale Paraíso na Camacha de John Halloway, a Quinta do Jardim da Serra, Calaça e do Santo da Serra de Henry Veitch, a Quinta do Monte de James David Gordon. Das demais adquiridas por ingleses podemos salientar: a Quinta do Til de James Gordon desde 1745 e que passou à família Miles em 1933; a Quinta da Achada que foi desde inícios do século XIX pertença da família Penfeld e que em 1881 ficou na posse da família Hinton; a Quinta do Palheiro do 1º Conde de Carvalhal que foi adquirida em 1885 por J. B. Blandy.

Os séculos XVIII e XIX foram marcados por profundas mudanças na arquitetura civil e religiosa. Os templos estão degradados e incapazes de dar acolhimento aos cada vez mais numerosos. As habitações de salas acanhadas não servem às exigências de conforto e de vida portas adentro. Perante isto e a existência de meios financeiros capazes de dar corpo a esta mudança foi fácil ver o camartelo avançar sobre a cidade e a erguerem-se amplas casas sobradas, servidas de torres avista-navios, e novas igrejas.

Para além disso algumas contingências tornaram inadiável a euforia de remodelação arquitectónica. O terramoto de 1746 e na cidade as aluviões de 1803 e 1842, com elevados prejuízos nos imóveis tornaram urgente a intervenção. Os resultados desta transfiguração são evidentes na cidade e no meio rural. Enquanto nas casas de habitação o novo ergue-se dos escombros do velho, nas igrejas ele alia-se de modo perfeito, ficando a testemunhar uma evolução e adequação aos padrões de cada época. Deste modo os elementos arquitectónicos e decorativos que marcaram a opulência açucareira passam a conviver com os novos

gerados pelos excedentes e riqueza do vinho. O que terá levado alguns a definir impropriamente como a arquitectura do vinho. Esta a existir estará nas grandes casas servidas de amplos terreiros onde repousam as pipas e armazéns e oficinas de tanoaria como foi o caso de Cossart Gordon & C^o na Rua dos Netos, ornados de latadas e de serrados de vinhedos nos arredores da cidade. Destes últimos refere Henry Vizetelly em 1880 de em S. João de W. Leacock.

Através do texto de Henry Vizetelly (*Facts about Port and Madeira*. Londres, 1880) e das gravuras que adicionou de Ernest A. Vizetelly podemos visitar algumas construções que apresentam as expressões arquitectónicas geradas pela cultura da vinha e comércio do seu néctar. Aqui são descritas as instalações das mais importantes firmas inglesas: Cossart, Gordon and C^o, Krohn Borthers & C^o, Blandy Brothers, Leacock and Company, Henry Dru Drury, Henriques and Lawton, Mrs Welsh, R. Donaldson and C^o, Meyrelles Sobrinho e Cia, Henrique J. M. Camacho, Augusto C. Bianchi, Sr. Cunha e Leal Irmãos e Cia.

Em todos é evidente a mesma distribuição do espaço. Uma fachada imponente que dá entrada para um grande pátio coberto de latada que serve de logradouro comum às diversas arrecadações: as lojas de fermentação e envelhecimento do vinho, a oficina de tanoaria, a estufa. O bom gosto com que alguns souberam combinar e o cuidado que lhes atribuíam não passaram despercebidos ao olhar atento de Henry Vizetelly, que na casa de Blandy Brothers leva-o a afirmar que estava perante um «*verdadeiro museu de vinho*».

A arte religiosa dos séculos XVIII e XIX é também testemunha e consequência da riqueza gerada pela economia viti-vinicola. Os templos existentes ganham nova vida e riqueza e a depor-se as contemporâneas exigências do culto os novos seguem uma nova geometria e gramática decorativa.

Em 1714 a Alfândega do Funchal ficou servida com uma capela do orago de Santo António. O estado de ruína do edifício de alfândega e a necessidade de o ajustar ao movimento marítimo de então levaram a diversas transformações no decurso dos séculos XVIII e XIX.

O vinho tem expressão plástica particular no cadeirado da Sé do Funchal do século XVI onde são visíveis os borracheiros e os bebedores de vinho, evidências que testemunham já a importância da cultura nesta época. Os cachos e parras fazem parte da gramática decorativa do barroco. Estes motivos de talha dourada são evidentes na Igreja do Colégio, obra de Brás Fernandes, construída pelos Jesuítas no decurso do século XVII. A talha com o recurso a elementos indicadores do vinho só vamos encontrar de novo num conjunto de mobília de sala existente nos escritórios da Madeira Wine Company à Rua dos Ferreiros.

No decurso dos séculos XVIII e XIX o quotidiano do vinho é retratado pela pena de diversos pintores e desenhadores europeus, nomeadamente ingleses, que tiveram oportunidade de passar pela ilha. Parte significativa delas serviu para

ilustrar livros sobre a ilha ou com capítulos a ela dedicados. Os principais motivos retratados incidem sobre os lagares, os borracheiros, e as balseiras. Os dois últimos elementos são os mais abundantes em toda esta iconografia visível hoje no Museu Frederico de Freitas no Funchal.

Depois, disso só vamos encontrar expressão em Max Romer (1878-1960), um alemão refugiado na Madeira em 1922 que se rendeu à evidências do meio. Nalgumas encomendas realizadas para a Madeira Wine C^o e H. M. Borges & C^o deixou plasmadas as impressões num retrato impressionista da faina vitivinícola.

3. PERSONALIDADES HISTÓRICAS E O VINHO MADEIRA

Os mais assíduos elogios ao vinho da ilha são ditados no século dezoito, época nobre para o vinho Madeira. Foi neste momento que ganhou inúmeros apreciadores que teimaram em exaltar as suas propriedades e a preferi-lo a todos os outros ou demais bebidas alcoólicas, que começam a concorrer. Esta loucura pelo Madeira foi grande nos Estados Unidos da América do Norte. George Washington e convivas regalaram-se com ele na sua boda em Maio de 1759, enquanto John Adams exclamava, com alegria no seu diário, que sempre bebeu «*grande porção de Madeira*», não vendo «*nenhum inconveniente nisso*». Ademais, segundo constatou o último estadista, ele é diferente de todos os outros, pois mantém-se «*salutar e agradável no calor de Verão ou no frio do Inverno*».

Thomas Jefferson não atraiçoou a preferência dos predecessores, pelo que mesmo em Paris não prescindia do Madeira, pois era «*de superior qualidade e o melhor*». Foi certamente com a inspiração do seu aroma, que se formou o grande empório. Com ele se celebrou a independência, acto que é anualmente recordado da mesma forma.

Os europeus, levados por esta exaltação dos políticos americanos, despertaram de novo para o vinho Madeira. Deste modo choveram elogios em catadupa.

O vinho da Madeira não foi apenas companheiro dos grandes momentos festivos e de euforia, pois também se postou de guarda nas dificuldades e solidão, como sucedeu com Napoleão Bonaparte. O deposto imperador recebeu do cônsul britânico uma pipa de Madeira, que foi sua companheira no exílio de santa Helena, até à morte.

O general, talvez receoso de segundas intenções da oferta, nunca provou o vinho e à sua morte em 1820, o cônsul solicitou a sua devolução, o que ocorreu passados dois anos. Com este vinho da volta fez-se uma importante garrafeira para gáudio dos coleccionadores, sob o título de «*Battle of Waterloo*». W. Churchill, quando em 1850 fez férias na Madeira, teve oportunidade de apreciar o vinho que Napoleão nunca bebeu.

CONCLUSÃO

O quadro aqui apresentado das referências do vinho Madeira na literatura reforça a ideia da importância que o mesmo assumiu na economia e sociedade dos mercados em causa. Esta presença foi sempre no sentido da exaltação, por força da experiência pessoal ou testemunho de outros e tradição de destacadas personalidades. A partir daqui é evidente o papel que jogou o vinho Madeira no quotidiano destes espaços.

Ao mesmo tempo é de salientar que o Madeira é referido como um vinho de superior qualidade ao lado do Jerez, Porto ou Marsala. É neste grupo de vinhos, solicitados pela alta sociedade que o Madeira tem lugar.

As referências assumem maior evidência na literatura estrangeira reservando a portuguesa, nacional e local, uma valorização distinta da temática. Na ilha era no campo da literatura popular que mais se notava esta presença. Isto poderá ser um dos indicativos que a sociedade madeirense o substituiu à mesa e nos saraus dançantes por outras bebidas importadas, trazidas pelos britânicos.

Esta breve incursão pelas fontes literárias revela-nos que a História não se pode resumir apenas às fontes oficiais disponíveis nos arquivos. Caso haja interesse em reconstituir o quotidiano de uma época ou determinada região temos de ir ao encontro de outro tipo de registos, como é o caso da Literatura. Esta permite, não só, reforçar determinadas realidades com esclarecer o ambiente que rodeia os eventos e épocas históricas em que o vinho Madeira está presente.

A evidência mais marcante do vinho na ilha está presente ao nível das manifestações artísticas a partir do século XVIII. Os motivos relacionados com o vinho, em pinturas murais e gravuras dão-nos o retrato do processo viti-vinícola, evidenciando o trabalho hercúleo do madeirense. Mas os reflexos mais evidentes desta presença estão na arquitectura do Funchal, em que o vinho surge como financiador do processo. Daqui resultou a ideia que a partir do século XVIII temos no Funchal uma «cidade do vinho», fruto desta influência.

INSTRUMENTOS DE TRABALHO

A partir do acesso a algumas bibliotecas digitais foi possível pesquisar o tema em mais de 500.000 livros e folhetos, o que permite um rastreio das referências ao vinho Madeira, com particular incidência na Literatura Britânica e Norte Americana. Destas merece destaque a de *Chadwyck-Healey*, por ser a mais completa e exaustiva na informação apresentada. Só aqui foram encontrados 360 registos, sendo 130 de poesia, 84 de drama e 146 de prosa.

A esta pesquisa junta-se a consulta da informação bibliográfica da Madeira, nomeadamente os núcleos de literatura de viagens e científica da *Biblioteca Municipal do Funchal* e do *Arquivo Regional da Madeira*.

BIBLIOGRAFIA FUNDAMENTAL

- «Alguns Tópicos para a Classificação Urbanística da Madeira». *Islenha*, n.º 9 (1991), pp. 21-31.
- ARAGÃO, António – *O Museu da Quinta das Cruzes*. Funchal: Junta Geral, 1970.
- Enciclopédia dos Vinhos de Portugal – O Vinho Madeira*. Lisboa, 1998.
- FERNANDES – *Cidades e Casas da Macaronésia*. Lisboa: FAUP Publicações, 1996.
- «O Funchal. Os Ritmos Históricos de uma Cidade Portuária». *Sociedade e Território*, n.º 31-32 (2000), pp. 60-80.
- História do Vinho da Madeira – Documentos e Textos*. Funchal, 1993.
- PESTANA, E. A. – *Ilha da Madeira. I. Folclore Madeirense*. Funchal, 1965.
- SAINZ-TRUEVA, José de – «Heráldica de Prestígio em Rótulos de Vinho Madeira», *Islenha*, n.º 9, (1991), pp. 62-69
- SANTOS, Carlos M. – *Trovas e Bailados da Ilha. Estudo do Folclore Musical da Madeira*. Funchal, 1942.
- TAVARES, José – *Subsídios para o Estudo da Vinha e do Vinho na Região da Madeira*. Funchal, 1953.
- VIEIRA, Alberto – *O Vinho da Madeira (breve resenha Histórica)*. Angra do Heroísmo, 1983.
- VIEIRA, Elmano – «A Madeira nas estampas da primeira metade do século XIX». *Das Artes e da História da Madeira*. Vol. I, n.º 2 (1950), pp. 28-30.
- WILHELM, Eberhard Axel – Max Romer (postais madeirenses percorrem o mundo). *Atlântico*, n.º 14 (1988), pp. 113-122.

BASES DE DADOS DISPONÍVEIS NA INTERNET⁴⁴

- American Memory Project*, Congress Library. Washington. 2001 [disponível na Internet via WWW. URL: <http://lcweb2.loc.gov/ammem/>] Arquivo capturado em 17 de Agosto de 2001. [acesso livre].
- Bartleby. com – Creat Books Online*. 2001 [disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.bartleby.com/>] Arquivo capturado em 17 de Agosto de 2001. [acesso livre].

⁴⁴ As referências são feitas de acordo com as regras de citação dos documentos da Internet. Ver: Vieira, Alberto – *Como citar um documento da Internet*. Funchal, 2000, [disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.ceha-madeira.net/internet/regrascitar.htm>] Arquivo capturado em 17 de Agosto de 2001.

- GALLICA. *La Bibliothèque Numérique* 2001 [disponível na Internet via WWW. URL: <http://gallica.bnf.fr/>] Arquivo capturado em 17 de Agosto de 2001 [Com 80.000 documentos. Acesso livre].
- The Gerritsen Collection – Women’s History Online. 1543-1945 [disponível na Internet via WWW. URL: <http://gerritsen.chadwyck.com/>]. Arquivo capturado em 17 de Agosto de 2001 [4700 volumes, incluindo monografias e publicações periódicas. Acesso limitado].
- The Humanities Text Initiative*. University of Michigan [disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.hti.umich.edu/>]. Arquivo capturado em 17 de Agosto de 2001 [Acesso livre].
- LEXIS-NEXIS, 2000 [disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.nexis.com/research/>]. Arquivo capturado em 17 de Agosto de 2001.
- LION: *Literature Online (Chadwyck Healey)*. 1996-200 [disponível na Internet via WWW. URL: <http://lion.chadwyck.co.uk/>]. Arquivo capturado em 17 de Agosto de 2001 [290.000 volumes da literatura inglesa e norte-americana, em prosa, verso e peças de teatro do ano de 600 até a actualidade. Acesso limitado].
- Making of America (Cornell University Site)* [disponível na Internet via WWW. URL: <http://library5.library.cornell.edu/moa/>] Arquivo capturado em 17 de Agosto de 2001 [Textos de 1815 a 1926. Acesso livre].
- Making of America (University of Michigan Site)* [disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.umdl.umich.edu/moa/>]. Arquivo capturado em 17 de Agosto de 2001 [8.500 livros, publicados entre 1800 a 1925. Acesso livre].
- Netlibrary. Netlibrary, Inc. 2001 [disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.netlibrary.com/>]. Arquivo capturado em 17 de Agosto de 2001 [com 24.000 livros disponíveis em texto integral. Acesso condicionado].
- The Online Books Page*. U. Pennsylvania. 1993-2001 [disponível na Internet via WWW. URL: <http://digital.library.upenn.edu/books/>]. Arquivo capturado em 17 de Agosto de 2001 [14.000 livros on-line, acesso livre].
- Online Books Project (Columbia University)* [disponível na Internet via WWW. URL: <http://webclio.cul.columbia.edu/>]. Arquivo capturado em 17 de Agosto de 2001 [acesso limitado].